

Numa época que levou a visibilidade ao paroxismo, não é fácil compreender quais são os limites e as fendas de nosso campo de visão: o que vemos quando olhamos, e por quê? O que vêm, e o que não conseguem enxergar, esses múltiplos olhares que persistentemente nos esquadrinham? O que se inventa na mira dessas lentes que tudo focalizam e projetam, e o que acaba ecoando na escuridão do indizível secretada por esse mesmo excesso de luminosidade?

Parece evidente que os dispositivos técnicos que hoje dispomos nos permitem enxergar muito *mais* e muito *além* do que estava à mostra para nossos antepassados ou até mesmo para os membros das mais diversas culturas não ocidentais. Difícil é identificar, porém, o que se exclui desse território em vertiginoso alargamento: o que deixamos de vislumbrar por tanto querer vigiar e mostrar, enquanto rascunhos imprevistos vão se gestando nas nervuras menos aparentes desse “regime”.

Por isso este livro é tão oportuno: valiosas pistas emanam das reflexões desdobradas por Fernanda Bruno em torno a assuntos como o monitoramento online e o ativismo em rede, que marcam o pulso acelerado da atualidade. O que essa exasperação tão contemporânea pela visibilidade insiste em captar ou refratar e, ao mesmo tempo, o que pode suscitar nas brechas que ela própria contribui para abrir?

Esse enigma, tão fundamental como inapreensível, lateja sagazmente nas entrelinhas destas páginas: o que nossos corpos do século XXI, treinados com cotidiana devoção nessa minúcia e nessa redundância do visível, podem desbravar nos interstícios dessa super-codificação do que se vê? Se os mecanismos de poder se entrelaçam aos órgãos vitais para neles tecer uma série de sentidos históricos, o que podem os olhos e os corpos para além dessas estimulações, percebendo e agindo através delas para redesenhar os mapas da contemporaneidade?

*Paula Sibilia*